

O erotismo nas *Dionisiacas* de Nono de Panópolis

Paulo Henrique Oliveira de Lima*

RESUMO: A poesia bucólica helenística, presente nos *Idílios* de Teócrito, narra os insucessos amorosos em um ambiente rústico, e Nono imita as características desse tipo de poesia no canto XV das *Dionisiacas*. O presente artigo tem como objetivo estabelecer as passagens emuladas dos *Idílios* I, III, VII, XI e XXX nas *Dionisiacas*, e analisar os temas, estruturas e fórmulas que Nono utiliza a partir do poeta helenístico. Dessa forma, foi possível determinar o modo com que a bucólica influencia o amor na epopeia de Nono e é um dos elementos assimilados para formar a *ποικιλία* representada nas *Dionisiacas*.

Palavras-chave: *Dionisiacas*; poesia helenística; epopeia; Teócrito; Nono de Panópolis.

Eroticism in Nonnus of Panopolis' *Dionysiaca*

ABSTRACT: The Bucolic Hellenistic poetry, present in the *Idylls* of Theocritus, narrates the romantic failures in a rustic environment, and Nonnus imitates the characteristics of this type of poetry in *Dionysiaca*'s XV book. The present article aims to establish the emulated passages of the *Idylls* I, III, VII, XI and XXX in the *Dionysiaca*, and to analyze the themes, structures and formulas that Nonnus uses from the Hellenistic poet to compose his work. In this way, it was possible to determine how Bucolic poetry influences love in Nonnus' epic poetry and is one of the elements assimilated to form the *ποικιλία* represented in *Dionysiaca*.

Keywords: *Dionysiaca*; Hellenistic poetry; epic poetry; Theocritus; Nonnus of Panopolis.

Introdução

A definição de gênero na literatura grega é baseada nos elementos presentes no texto. Dessa forma, pode-se compreender que cada gênero é formado por um conjunto de regras implícitas ou explícitas, ou convenções tradicionais, características internas, como metro, estilo, temática, dialeto, linguagem e estrutura, de uma criação literária, adaptável não apenas ao gosto pessoal e às escolhas do poeta, mas também aos fatores sociais (GUTZWILLER (1991, p. 3-19); BARBANTANI (2018, p. 64)).

O gênero é uma série de pressuposições, ou códigos, que formam o sistema comunicativo no qual o autor compõe e o leitor compreende. Os gêneros literários têm

* Graduado em língua Grega na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2013). Desenvolveu a pesquisa de Iniciação Científica intitulada "O Mais Poderoso Adversário de Zeus" sob orientação do Dr. José Marcos Mariani de Macedo, sem bolsa-auxílio. Desenvolveu, de 2013-2016, junto ao programa de Letras Clássicas da USP, o projeto de mestrado "A Face Heróica de Dioniso nas *Dionisiacas* de Nono de Panópolis" sob a orientação do Dr. Fernando Rodrigues Júnior e com auxílio da bolsa CAPES. Em 2017 iniciou, no programa de Letras Clássicas da USP, o projeto de doutorado "A Recepção da Poesia Helenística nas *Dionisiacas* de Nono de Panópolis" sob orientação do Dr. Fernando Rodrigues Júnior.

sua própria dinâmica, mas também estão sujeitos a mudanças (LASEK, 2016, p. 402). Cada autor compõe dentro de uma estrutura em um gênero já desenvolvido e o transforma, criando, assim, uma obra que combina a tradição estabelecida com o novo e o inesperado (STANZEL, 1998, p. 143). A tentativa de enquadrar uma obra em um gênero específico pode parecer cultural, mas nem quando os limites são claros, a tentativa de delimitação de uma composição dentro de um estilo baseado somente em suas próprias características torna-se um problema. Dessa forma, a poesia helenística apresentou novas abordagens literárias, propondo a mistura e a transformação dos gêneros tradicionais (MAGALHÃES, 2014, p. 21).

As *Dionisiacas* apresentam elementos de variados gêneros e, em grande parte das passagens, a marca de um determinado gênero é tão grande que os pesquisadores não encontram dificuldades em afirmar que determinado trecho é um hino, um idílio, um epigrama, entre outros (LASEK, 2016, p. 404).

Como um poeta representante da *ποικιλία*¹, Nono, além de utilizar a epopeia e a tragédia, também emula a matéria pastoral abordada pelos poetas helenísticos e sua inovação reside em como o poeta integra o bucolicismo a outros elementos derivados de Homero e Píndaro, ao estabelecer os seus limites e criar uma inovação épica utilizando a estrutura bucólica². No poema de Nono, a *ποικιλία* é expressa tanto em estilo, com a variada gama de sinônimos que ocorrem dentro do texto, ou na forma pela qual o poeta busca diversificar a representação dos personagens, situações e objetos, e principalmente na estrutura do poema (LASEK, 2016, p. 402).

A bucólica, gênero que tem Teócrito como principal poeta e um pastor como personagem, é um dos diversos elementos experimentados nas *Dionisiacas*. As temáticas pastorais presentes nos *Idílios* são elementos facilmente identificáveis em uma ampliada gama de poemas emulados, sejam eles épicos, dramáticos e bucólicos. A poesia bucólica dos *Idílios* está, geralmente, relacionada ao lamento, ou dor, ligada ao erotismo, com a perda ou a rejeição da amada.

Com relação ao tema pastoral, o poema de Nono merece uma consideração especial, pois ele mistura o gênero com a épica bélica e utiliza a matéria bucólica para tentar cumprir seu implícito objetivo de superar Homero no proêmio do canto XXV³.

1. Desenvolvimento

Ao incluir diversas passagens com características bucólicas em seu poema, Nono demonstra uma imensa familiaridade com o gênero. Ao fazer uma descrição da era de ouro em I. 362-534⁴, ao narrar uma canção contendo as características pastorais, e em XXII. 1-54, em que a narrativa da atmosfera bucólica e os seus temas, como o amor, a música, o *ágon*, entre outros⁵, são evocados para demonstrar seu domínio da matéria.

¹ A *ποικιλία* é a variedade e transformação. É um estilo utilizado por Nono para compor as *Dionisiacas* que utiliza de diferentes estilos e gêneros, expressando ideias de variedade e complexidade.

² Hollis (1994, p. 46) vê o poema de Nono como um equivalente às *Metamorfoses*, de Ovídio, e nota a presença de gêneros tais quais a tragédia, a comédia, a didática, a filosofia, o epílio, a bucólica e a elegia. Isso pode demonstrar a preferência de Nono por gêneros alheios à epopeia, como é o exemplo do uso da bucólica para compor diversas passagens em seu poema.

³ Sobre a relação de Nono e Homero e seu implícito objetivo de superar o autor da *Ilíada*, ver Lima, 2006.

⁴ Outra descrição ocorre em XL. 185-97, em que remete a imagem composta por Virgílio na *Écloga IV*. 18.30.

⁵ Maiores comentários sobre a emulação da poesia bucólica nas *Dionisiacas* podem ser encontrados também em: Schmidt (1964); Schulze (1968); Halperin (1983, p. 249-55); Harries (1994, p. 72-6), Bernsdorff (2001, pp. 139-78) e Lasek (2009, p. 118-29; 2016, p. 406).

Uma das principais recriações da poesia bucólica de Teócrito ocorre no canto XV das *Dionisiacas*, no episódio envolvendo Hino e Niceia. Além de uma narrativa de conquistas territoriais, o poema de Nono conta também as investidas amorosas de Dioniso. A história do pastor é adicionada à versão tradicional como um protótipo das narrativas da paixão ardentes dentro do poema, especialmente as aventuras eróticas de Dioniso com garotas, seja qual for o resultado (positivo com Niceia e Aura, negativo com Beroe): o nome Hino é um possível jogo linguístico com o da ninfa, uma vez que o Hino, Ὕμνος, é um canto que celebra a vitória e Niceia, Νίκαια, é uma variação de νίκη. Pesquisadores como D’Ippolito (1964), Chuvin (1991) e Frangoulis (2014) analisaram que os episódios envolvendo Hino e Niceia e Dioniso e Niceia são análogos a outras histórias entre apaixonados e ninfas fugitivas (que recebeu uma classificação por D’Ippolito, sendo chamado de *παρθένοι φηγόδεμνοι*), testemunhado em particular nas *Metamorfoses* de Ovídio, mas que já era comum na literatura erótica helenística.

Niceia é apresentada como a figura de ninfa caçadora que escapa ao papel social das mulheres da cultura antiga e, conseqüentemente, do casamento, até o ponto de apresentar-se como uma segunda Artêmis, sendo descrita no próprio poema como Ἄρτεμις ἄλλη (XV. 171) e receber os tributos de animais selvagens, que a trocam por sua deusa (XV. 193-204). Hino é, ao contrário, uma figura convencional de pastor, boiadeiro⁶, cuja única oportunidade para entrar em contato com a caçada é se colocar dentro do idêntico ambiente rústico e silvestre frequentado por ambos (XV. 206-7). Na cultura grega, os pastores eram considerados indivíduos de classe baixa, por serem assalariados ou escravos (GUTZWILLER, 2006, p. 1). Dessa forma, o caráter de Hino, considerado insignificante em comparação com sua contraparte feminina agressiva, possui características bucólicas claras, embora seja geralmente atribuído aos personagens masculinos do romance grego, em especial Dáfnis, de *Dáfnis e Cloé* de Longo.

Hino se apaixona quando ele está passando pelo bosque e vê a ninfa. A paixão do pastor é descrita como profunda, utilizando uma citação de Teócrito em associação com o renascimento de motivos típicos do amor bucólico, nas *Dionisiacas* XV. 208-19:

<p>καὶ νομίην ἐρατῆσι καλαύροπα χερσὶ τινάσσων <u>εἰς βαθὺν ἦλθεν ἔρωτα</u> καὶ οὐκέτι τέρπετο ποιίμη, εἵκελος Ἀγχίση ῥοδοειδέι, τοῦ ποτε Κύπρις ἀργεννὴν ἐνόμειν ὄρεσσινόμων στίχα τάρων κεστὸν ἐλαφρίζουσα βοοσσόον· ἀμφὶ δὲ λόχημιν βουκόλος ἀγρώσσουσαν ἰδὼν χιονώδεα κούρημ οὐ βοέης ἀγέλης ἐμπάζετο φοιταλέη δὲ εἰς ἔλος αὐτοκέλευστος ἐβόσκετο πόρτις ἐρήμη ἀρχαίου δυσέρωτος ἀποπλαγχεῖσα νομῆος, καὶ δαμάλη πεφόρητο περισκαίρουσα κολώναις ποιμένα μαστεύουσα νέος δ’ ἐπλάζετο βούτης παρθενικῆς ὀρόων ῥοδοειδέα κύκλα προσώπου</p>	<p>E o pastor agitou o cajado com lindas mãos, mas <u>ele se apaixonou profundamente</u>, e não mais se deleitou em pastorear, como o róseo Anquises, cuja corda branca de touros de montanha Cípris uma vez tendia, balançando o cinto para amarrar o gado. Quando o pastor viu a branca garota que caçava sobre os bosques, ele não se importou mais com o rebanho de gado; o bezerro se desviou para o pântano por sua própria vontade e pastoreou sozinho, vagando de seu antigo pastor, agora doente, e a novilha correu para as montanhas em busca de seu guarda. Mas o jovem animal estava vagando, pois viu as bochechas rosadas do rosto de uma jovem.</p>
--	--

⁶ Ele é chamado de pastor 11 vezes durante o canto XV: *βουκόλος* nos versos 213, 308 e 361; *νομεύς* em 220, 305 e 401; *βούτης* em 204, 312, 390 e 399; e *ποιμῆν* em 398.

E no *Idílio* 3.41-4⁷

ἀ δ' Ἀταλάντα ὡς ἶδεν, ὡς ἐμάνη, ὡς ἐς βαθὺν ἄλατ' ἔρωτα. τὰν ἀγέλαν χῶ μάντις ἀπ' Ὀθρυος ἄγε Μελάμπους ἐς Πύλον	e Atalanta, tão logo o viu, pirou logo, e logo o amor bateu fundo. E a tropa Melampo, aquele vidente, de Ótris levou à Pilo.
---	---

Ao passo que temos alguns elementos que servem como *topoi* na poesia bucólica, como a renúncia do pastor às suas atividades de pastoreio, o trecho apresenta correspondência bastante precisa com os versos de Teócrito. O hemistíquio sublinhado em 209 corresponde a um trecho no *Idílio* 3, em que o desprezado pastor celebra uma série de episódios míticos de sucessos amorosos. O que é mais digno de atenção reside no fato de que nesses episódios o hemistíquio é sempre presente, ou seja, vemos uma variação de εἰς βαθὺν ἦλθεν ἔρωτα, como no *Id.* 3. 41-42, com ἐς βαθὺν ἄλατ' ἔρωτα. A paixão é profunda e violenta, ao passo de parecer um embuste divino.

Como os versos XV. 220-1 de Nono e 30.25-6 de Teócrito exprimem, não há forma de escapar dessa armadilha, que, no caso de Hino o levará a uma morte tão violenta quanto seu amor:

Nas *Dionisíacas*, XV. 220-1:

Καὶ δολόεις ἐρέθιζεν Ἔρωσ ποθέοντα νομῆα οἴστρω λαβροτέρω δεδονημένον	E o enganador Amor provocou o apaixonado pastor, tendo ele se excitado com violenta paixão.
--	---

No *Idílio* 30. 25-6:

ὅττις δοκίμοι τὸν δολομάχανον νικάσειν Ἔρον	o engenhoso Amor triunfará sob aqueles que (o) experimentar
--	--

A poesia bucólica de Teócrito está intimamente relacionada ao amor. Dentre os temas explorados pelo poeta, a temática erótica possui certa predominância. A dor física decorrente do amor é um *topos* da poesia amorosa também presente na bucólica. O amor, apesar de ser um sentimento, é sentido de forma física, especialmente quando não correspondido, pelos apaixonados. A paixão se torna tão violenta que a rejeição chega causar a sensação de ferida sob o peito do apaixonado, como o verso 244 apresenta. O coração partido pela recusa da amada é um recurso presente em pelo menos duas passagens nos *Idílios* de Teócrito, como em 11.15 e 30.10.

Nas *Dionisíacas* XV. 244:

Καὶ νέος, ἀμφιέπων ὑποκάρδιον ἔλκος Ἐρώτων	E o jovem, envolvendo o coração (com) uma ferida do Amor
---	---

No *Idílio* 11.15:

⁷ Tradução de Érico Nogueira (2012).

ἔχθιστον ἔχων ὑποκάρδιον ἔλκος
Κύπριδος ἐκ μεγάλας

tendo uma odiosa ferida no peito
oriunda da vultuosa Cípris

No *Idílio* 30.10:

εἰς οἶκον δ' ἀπέβαν ἔλκος ἔχων καὶ τὸ κέαρ
δακῶν.

retornei para casa, ferido e com o coração
mordido.

Nono emula nas *Dionisiacas* outras características do estilo pastoral na poesia helenística: o insucesso na investida do pastor para com a moça. Os modelos utilizados nos *Idílios* de Teócrito são o ciclope Polifemo, que tenta se aproximar de Galateia, no *Idílio 11*, ou o contrário, com Galateia não tendo sucesso ao cortejar Polifemo, no *Idílio 6*, ou uma garota com relação a Dáfnis, no *Idílio 1*, de Teócrito.

Outro tema frequente na poesia helenística, na poesia erótica e presente tanto na história de Hino quanto nos poemas de Teócrito é a alvura da moça. Como um modelo de beleza para os poetas bucólicos, a cor sempre muito branca da pele das mulheres é salientada em ambos os poemas. Nono, ao compor seu livro com temas bucólicos, não se esqueceu dessa característica e salientou a brancura da pele de Niceia em XV. 237-43:

εἴ ποτε τοξεύουσα κέρας κυκλώσατο νευρῆ,
καὶ παλάμη γυμνοῦτο, λαθῶν νέος ὄμματι
λοξῶ
λευκὸν οἰστευτῆρα βραχίονα δέρκετο κούρης,
ὄμμα παλινδίνητον ἄγων, ὀχετηγὸν Ἑρώτων,
εἰ τόσον, ὡς Νίκαια, πέλε λευκώλενος Ἥρη:
ἐσπερίην δ' ἐπὶ πέζαν ἐὴν ἐτίταινεν ὀπωπὴν,
εἰ πλέον ἀργυρέη πέλε παρθένος, ἠὲ Σελήνη.

Se ela, uma vez, ao atirar um chifre
circundado no fio,
a mão ficou despida, e, ignorante, o garoto
com olhos oblíquos notou o alvo braço da
aljava da moça,
e coordenando os olhos ensandecidos,
condutores do Amor,
ele pensou se o braço de Hera era tão branco
assim⁸, como de Niceia;
e ao estender sua visão em direção ao sol-pôr,
ele pensou quem era mais branca, se a dama
ou Selene.

Teócrito salienta a alvura de sua dama, Galateia, no *Idílio* 11.19-20:

Ω λευκὰ Γαλάτεια, τί τὸν φιλέοντ' ἀποβάλλῃ;
λευκοτέρα πακτᾶς ποτιδεῖν, ἀπαλωτέρα
ἀρνός,

Ó alva Galateia, por que repeles o seu amado?
Tu, visão mais brilhante que uma coalhada,
mais delicada que uma ovelha

A escolha de Galateia como figura central do poema erótico não é uma coincidência. O próprio nome da personagem está etimologicamente ligado à palavra leite, denotando explicitamente a brancura.

A paixão de Hino é tão profunda e violenta quanto sua morte. Ainda no canto XV, Niceia mata Hino com uma flecha (XV.363-9), instrumento utilizado para caça. Vale ressaltar que o arco e flecha, armas de Artêmis, deusa a quem Niceia é devota, é também instrumento de Eros, gerando um paradoxo, uma outra característica da poesia erótica grega, pois a arma que leva ao amor é a mesma que causa o óbito:

Nas *Dionisiacas* XV.363-9:

⁸ Um dos epítetos de Hera na *Iliada* (I.593) é exatamente o de alvos braços. Nono utiliza o mesmo termo que Homero, λευκώλενος, para se referir à deusa.

ὡς φαμένου Νίκαϊα χολώετο: λυσσαλέη δὲ
 λοίγιον ἰοβόλου γυμνώσατο πῶμα φαρέτρης
 καὶ βέλος ἰθυκέλευθον ἀνείρυσεν, ἐκταδίη δὲ
 κυρτὸν ὀπισθοτόνοιο κέρας κυκλώσατο
 τόξου,
 ἤνεμόεν δὲ βέλεμον ἐς ἀνθρεῶνα νομῆος
 φθεγγομένου προέηκε, καὶ ἄσχετος ἰὸς
 ἀλήτης
 μῦθον ἔτι προχέοντα μέσῳ σφρηγίσσατο
 δεσμῶ.

Assim ele falou e Niceia se encolerizou;
 enfurecida
 ela (abriu) a tampa da aljava e despiu a letal
 flecha;
 ao puxar o dardo ereto,
 esticando o chifre circundado do arco,
 e ela disparou uma flecha em direção ao
 pescoço do pastor
 enquanto ele falava, e a flecha alada errante
 emudeceu a voz ainda vertida em meio à
 selagem.

A harmonia entre homem e natureza é um *topos* frequente nos *Idílios* de Teócrito que é emulado nas *Dionisíacas*. Quando há a quebra da harmonia, com a morte do pastor, há a quebra da ordem e a natureza perde seu curso. Após a morte do pastor (XV.370-422), Nono compõe a maior representação do lamento pastoral em sua epopeia, com as árvores lamentado a morte de Hino (XV.390-1). O lamento da natureza é apresentado em Teócrito já em seu primeiro *Idílio*. O trecho da epopeia de Nono pode ter sido uma emulação do *Idílio 7* de Teócrito, a respeito da morte do pastor de cabras Dáfnis.

Nas *Dionisíacas* XV. 390-1:

καὶ δρῦες ἐφθέγγαντο: ‘τί σοι τόσον ἤλιτε
 βούτης;
 μή ποτέ σοι Κυθήρεια, μὴ Ἄρτεμις ἴλαος εἴη.’

E as árvores pronunciaram: “Como o vaqueiro
 a ofendeu assim?
 Nem Citerea será propícia a ti, nem Artêmis.”

Em Teócrito, no *Idílio 7.74*:

χῶς ὄρος ἀμφ’ ἐπονεῖτο, καὶ ὡς δρῦες αὐτὸν
 ἐθρήνεον

E a montanha sofreu, e assim as árvores
 choraram

Com relação ao sofrimento da natureza sobre a morte do pastor, Harries (1994, p. 74) afirma que não é somente o *Idílio 7* de Teócrito que serve de molde para a emulação de Nono; a canção de Tirsis, no *Idílio 1*, é um dos modelos de composição para Nono, pois, tal qual Dáfnis, Hino é mais uma vítima fatal de Eros. Nas *Dionisíacas*, touros e novilhos lamentam Hino (XV.395-7), imitando os muitos touros e muitos novilhos do lamento de Tirsis no *Idílio 1.74-5*).

Nas *Dionisíacas* XV. 395-7:

καὶ εὐπετάλω παρὰ λόχημ
 ὕμνον ἐποικτεῖροντος ἐλείβετο δάκρυα
 ταύρου,
 καὶ δάμαλις δάκρυσε, (...)

e por Hino, junto às belas pétalas próximas à
 moita
 lágrimas foram vertidas pelo compadecido
 touro
 e a novilha também chorou (...)

Em Teócrito, *Idílio 1.74-5*:

πολλοὶ δέ τε ταῦροι,
 πολλαὶ δ’ αὖ δαμάλαι καὶ πόρτιες ὠδύραντο

muitos touros,

muitos bezerros e novilhas novamente
lamentaram

Lobos e leões, criaturas selvagens e predadoras dos animais que fazem parte do universo pastoral, aparecem na cena bucólica para lamentar a perda de ambos, Hino (XV.407-8) e Dáfnis (1.71-2), em uma harmonia entre homem e natureza.

Nas *Dionisiácas* XV. 407-8:

καὶ λύκος ἔστενεν Ὑμνον, ἀναιδέες ἔστενον ἄρκτοι, καὶ βλοσυροῖς βλεφάροισι λέων ὠδύρετο βούτην	e o lobo lamentou por Hino, os insaciáveis ursos lamentaram, e até o leão chorou o vaqueiro com seus nobres olhos
---	--

Em Teócrito, *Idílio* 1.71-2:

τῆνον μὰν θῶες, τῆνον λύκοι ὠρύσαντο, τῆνον χάκ δρυμοῖο λέων ἔκλαυσε θανάοντα.	por ele os chacais, e também os lobos uivaram, pelo defunto dele até mesmo o leão da floresta chorou.
---	---

Em ambos os poemas, o amor se torna objeto de reprova, seja nas *Dionisiácas* (XV.395), após o assassinato de Hino e a justificativa de Niceia estar sob a influência do Amor e seja no *Idílio* (1.98):

Nas *Dionisiácas* XV. 395:

μέμψατο δ' αὐτὸν Ἔρωτα.	Acusou o Amor.
-------------------------	----------------

Em Teócrito, no *Idílio* 1.89:

ἦ ῥ' οὐκ αὐτὸς Ἔρωτος ὑπ' ἀργαλέω ἐλυγίχθη;	Acaso tu mesmo não foras curvado pelo penoso Amor?
--	---

A dor pela perda do vaqueiro é lamentada de diferentes formas nos dois poetas. Enquanto é prometida vingança contra a causadora da morte do querido pastor, em Nono (XV.384-5), em Teócrito (1.103) é salientado o sofrimento amoroso pós-morte de Dáfnis:

Nas *Dionisiácas* XV. 384-5:

καὶ ὄρκιον ὤμοσε βούτην, παρθενικὴν ἀέκουσαν ὑποζεῦξαι Διονύσῳ	e asseverou um juramento em relação ao vaqueiro, que traria a constrangida dama sob o jugo para Dioniso.
---	---

Em Teócrito, no *Idílio* 1.103:

Δάφνις κῆν Ἄϊδα κακὸν ἔσσειται ἄλγος Ἔρωτι	Dáfnis, até no Hades o Amor há de ser uma pena dura
---	--

A inflexibilidade da dama, outrora objeto de desejo do pastor, na epopeia de Nono (XV.380) e em Teócrito (1.100-1), é um reflexo do duro e penoso destino do pastor

bucólico. Tanto Afrodite quanto Adrasteia⁹ são divindades que punem os mortais aspirantes a amantes.

Nas *Dionisiacas* XV. 380:

Ἀστακίδες μέμψαντο Κυβηλίδος ἦθεα νόμφης As Astácidas reprovaram os modos da ninfa
de Cibele

Em Teócrito, no *Idílio* 1.100-1:

τὰν δ' ἄρα χὼ Δάφνις ποταμείβετο. 'Κύπρι E a essas (palavras) Dáfnis respondia:
βαρεῖα, "Penosa Cípris,
Κύπρι νεμεσσατά, Κύπρι θνατοῖσιν ἀπεχθής Temível Cípris, Cípris odiosa aos mortais"

O finado pastor é lamentado pelos deuses tradicionalmente descritos na tradição pastoral, como Eros e Afrodite (XV. 394 e XV.418, respectivamente), do âmbito erótico, além de Ártemis (XV. 421), a divindade ligada à assassina de Hino. O luto pastoral é iniciado em um *versus intercalaris*, reforçado em outras três ocasiões. A repetição (refrão) é outra característica explorada em alguns poemas bucólicos do período helenístico presente no lamento da morte dos personagens. Todavia, o refrão não é limitado a contextos fúnebres, como no *Idílio* 2 de Teócrito. A repetição é uma parte essencial para o ritual. Alexiou (1974, p. 134) classifica esse ritual de repetição como φρενοθελγής ἀοιδή, um canto voluntário, que não ocorre por acaso, devido à importância do refrão na construção do lamento. No canto XV, durante o lamento pela morte de Hino, Nono utiliza quatro vezes o verso Βούτης καλὸς ὄλωλε, καλὴ δὲ μιν ἔκτανε κούρη ("o belo vaqueiro está morto, a bela jovem o matou!"), em 399, 403, 409 e 414. Teócrito também apresenta um refrão durante o lamento pela morte de Dáfnis; o verso λήγετε βουκολικᾶς Μοῖσαι ἴτε λήγετ' ἀοιδᾶς ("cessai as bucólicas, ó Musas, vamos, cessai as canções!") é repetido pelo menos em quatro oportunidades no primeiro *Idílio*, nos versos 127, 131, 137 e 142. Com as devidas variações, essa estrutura de refrão é repetida durante o *Idílio* 1, em três formatos: 1) começai o canto bucólico; 2) continuai o canto bucólico e 3) terminai o canto bucólico¹⁰.

A estrutura de lamento utilizada por Nono é um claro reflexo da recepção da poesia bucólica, pois, além de emular a matéria, a morte do pastor, o poeta imita a estrutura e versos do poeta de Siracusa. Contudo, a emulação da poesia bucólica não apenas reflete a habilidade do autor das *Dionisiacas* em transitar por estilos dentro de um gênero, ou talvez aludir, em um poema épico, a outros gêneros poéticos, mas mostra a incompatível natureza entre a matéria dionisiaca e a pastoral. A poesia bucólica, nesse período, já seria claramente um gênero poético identificado como distinto da poesia épica. Dioniso é uma divindade ligada ao campo e à fertilidade, entretanto, por não figurar entre as divindades rústicas frequentes em cantos pastorais, não tem destaque nos poemas bucólicos de Teócrito, sendo uma inovação de Nono inserir o deus dentro de um ambiente do qual ele não faz parte.

⁹ Uma das Astrácidas, Adrasteia, é aquela de quem não se pode fugir, o fúnebre destino. Ela é uma das divindades comumente recorrente nos poemas bucólicos. No contexto desse trecho das *Dionisiacas*, suas características são próximas da Nêmesis, cujo poder divino que leva em conta e pune a paixão dos mortais (ROSE, 1940, p. 529).

¹⁰ Na poesia de Teócrito, apenas os *Idílios* 1 e 2 apresentam um refrão. O uso do refrão na poesia bucólica helenística é utilizado, além dos *Idílios*, de Teócrito, também no *Epitáfio de Adônias*, de Bion, e no *Epitáfio de Bion*, de Pseudo-Mosco.

O lamento no poema de Nono não é apenas pela morte do pastor Hino, mas por todo o modo bucólico como uma influência independente em um vasto contexto do poema, uma vez que ele será assimilado a epopeia. A siringe, instrumento do pastor (Hino era o “siringista”, como dito por Niceia em XV.306), se unirá a outros instrumentos no futuro, como a lira, no canto XXI. Como observado por Harries (1994), a siringe produzirá um som que conduzirá o exército, unindo-se à trombeta bélica em um novo contexto: o que antes simbolizava a poesia pastoral, agora está na guerra.

Nas *Dionisiacas*, XXV. 267-9:

ἐν δὲ κυδοιμοῖς	nos combates
Βακχιάδος σύριγγος ἀγέστρατον ἦχον	que eu ouça a tropa ser convocada pela siringe
ἀκούσω	de Baco
καὶ κτύπον οὐ λήγοντα σοφῆς σάλπιγγος	e o incessante clamor da trombeta do verso de
Ὀμήρου	Homero

Harries (1994, p. 73) vai além, ao citar que Niceia e Hino simbolizam duas influências incompatíveis dentro do poema: a primeira simboliza o mundo dionisíaco e o segundo o bucólico. É interessante notar no trecho destacado a união entre siringe e trombeta. Os instrumentos musicais servem, nessa passagem, como metonímia para o gênero poético: épica e bucólica. A épica, no sentido tradicional, de heróis de lanças e escudos, é tratada como poema bélico. Isso cria um paradoxo, pois a guerra não tem espaço nos poemas bucólicos. A poesia bucólica se constitui como um *épos* anti-marcial. As rivalidades travadas nesse gênero ocorrem no âmbito da disputa entre cantores, com a habilidade de cantar e tocar o instrumento como armas, sendo os *Idílios* 5, 6 e 8 os exemplos. Para Harries (1994, p. 73), Niceia é claramente uma figura dionisíaca, pois ela parece emular as atividades das Bassárides¹¹. Contudo, para Shorrock (2001, p. 142), ela não pode ser vista como um símbolo de uma nova poética dionisíaca que se sobrepõe sobre a pastoral, uma vez que posteriormente, no canto XVI, ela também vai rejeitar Dioniso e só será vencida através do poder do intoxicante vinho.

Considerações finais

O estilo bucólico helenístico é muito explorado no poema, contudo o propósito do uso das características pastorais passa longe de apenas uma emulação. Conforme Harris (1994, p. 76) analisa, o episódio com o lamento de Hino, no canto XV, é um ponto crucial na narrativa das *Dionisiacas*, pois simboliza não apenas a forma como o amor é retratado dentro da epopeia, mas também o lamento do e pelo pastor, e principalmente o lamento pela poesia bucólica. Tanto o canto XV quanto os seguintes tratam da gradual assimilação do *épos* bucólico a um novo estilo de poesia: o dionisíaco, que funde e transforma as tradições poéticas, inclusive helenísticas, em uma nova. A recepção helenística do bucolismo presente nas *Dionisiacas* é refletida, principalmente, na figura de três personagens, entre os cantos XV-XX: Hino, o pastor que simbolizando a antiga poesia pastoral; Niceia, a caçadora que rejeita tanto a tradição bucólica quanto a novidade simbolizada por Dioniso; e o deus, que absorve as características de Hino, mas adiciona uma nova forma de prazer: o vinho, capaz de matar e seduzir. A reflexão nesses três personagens promove uma progressão da tradição pastoral à dionisíaca, que mistura e transforma as tradições e cria um novo estilo, moderno e sedutor aos olhos do leitor.

¹¹ As Bassárides, Mênades ou Bacantes são seguidoras de Dioniso.

Na narrativa, Hino tenta seduzir Niceia com suas atribuições pastorais, mas rejeitado, acaba morto pela caçadora. Dioniso, então, tenta conquistar a jovem utilizando elementos bucólicos e, sem sucesso, tem de usar sua arma. Se o poeta e o herói se fundirem, nesse ponto do poema, assim como Dioniso não tem o controle sobre as características pastorais, e por isso acaba utilizando o vinho para conseguir o objetivo da sedução, o poeta também não o tem sobre o estilo bucólico, fazendo com que o herói adicione atributos para que tenha sucesso em sua investida.

A relação de Nono com a poesia bucólica não termina com a morte do pastor Hino, pois entre os livros XVI-XX há novas alusões ao gênero bucólico. Ao fazer uma emulação do epílio *Hécale*, de Calímaco, além de prestar uma homenagem a um autor antecessor, o poeta apresenta uma rejeição ao bucolismo. Ao partir para enfrentar Orontes, Dioniso se hospeda na morada de Brongos, um camponês que leva uma vida simples, característica do estilo pastoril. O deus é recebido por seu anfitrião com comidas naturais, ao passo que retribui com o vinho. Harries (1994, p. 77) afirma que assim que Dioniso oferece o vinho para o camponês, ele acaba suplantando o mundo pastoral que o rodeia. Se se tomar o herói pelo poeta novamente, pode-se afirmar que há um sobrepujo que simboliza o total sucesso da nova poesia, dionisíaca, sobre a tradicional bucólica.

Referências

ALEXIOU, M. *The Ritual Lament In Greek Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

BARBANTANI, S. A Survey of Lyric Genres in Hellenistic Poetry: the Hymn. Transformation, Adaptation, Experimentation. *ERGA-LOGOI – Rivista di storia letteratura diritto e culture dell'antichità*, vol. 6, n. 1, p. 61-135, 2018.

BERNSDORFF, H. *Hirten in der nicht-bukolischen Dichtung des Hellenismus* Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2001.

CALLIMACHUS. *Callimachus and Lycophron*. Trad. MAIR, A. W. Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1921.

CHUVIN, P. *Mythologie et géographie dionysiaques: recherches sur l'œuvre de Nonnos de Panopolis* (coll. Vates, 2). Clermont-Ferrand: Adosa, 1991

D'IPPOLITO, G. *Studi Nonniani. L'Epillio Nelle Dionisiache*. (Quaderni dell'Ist. Di Filol. Gr. Della Univ. di Palermo), Palermo, 1964.

FRANGOULIS, H. *Du Roman à l'Épopée: Influence du Roman Grec sur les Dionysiaques de Nonnos de Panopolis*. Comté: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2014.

GERBEAU, J. & VIAN, F. *Nonnos de Panopolis. Les Dionysiaques. Tome VII. Chants XVIII-XIX*. Paris: Budé, 1992.

GUTZWILLER, K. J. *Theocritus' pastoral analogies. Formation of a genre*. Madison: Wisconsin University Press, 1991.

_____. “The herdsman in Greek Thought”. In: *Brill’s Companion to Greek and Latin Pastoral*. Ed. By M. FANTUZZI and T. PAPANGHELIS. Leiden/Boston: Brill, 2006, pp. 1-23.

HALPERIN, D. M. *Before Pastoral: Theocritus and the Ancient Tradition of Bucolic Poetry*. New Haven; London: Yale University Press, 1983.

HARRIES, B. “The Pastoral Mode in the Dionysiaca”. In: N. HOPKINSON (ed.) *Studies in the Dionysiaca of Nonnus*. Cambridge: Cambridge Philological Society, 1994, p. 63-85.

_____. *Callimachus, Hecale*. Oxford: Oxford University Press, 1990.

HOLLIS, A. “Nonnus and Hellenistic Poetry”. In: N. HOPKINSON (ed.) *Studies in the Dionysiaca of Nonnus*. Cambridge: Cambridge Philological Society, 1994, pp. 43-62.

HOPKINSON, N. *Greek Poetry of the Imperial Period: An Anthology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Studies in the Dionysiaca of Nonnus*. Cambridge: Cambridge Philological Society, 1994b.

LASEK, A. M. *Nonnos’ Spiel mit den Gattungen in den Dionysiaka*. Poznań: Wydawnictwo, 2009.

_____. “Nonnus and the Play of Genres”. In: D. ACORINTI. *Brill’s Companion of Nonnus of Panopolis*. Leiden; Boston: Brill, 2016, p. 402-21.

LIMA, P. Pai Homero.: *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, vol. 4, n. 2, 2006, p. 44-53.

MAGALHÃES, A. *A Temática Pastoral em Teócrito: Os Idílios I, III, VI, VII, XI*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

NOGUEIRA, E. *Verdade, contenda e poesia nos “Idílios” de Teócrito*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

ROSE, H. J. “Mythological Introduction and Notes”. In: *Nonnos Dionysiaca*. Trad. W. H. D. ROUSE. 3 vol. Massachusets: Harvard University Press, 1940.

SCHMIDT, E. G. Bukolik. In: *DKP*, vol. I, p. 964-966, 1964.

SCHULZE, J. F. Beobachtungen zur Geschichte von Hymnos und Nikaia bei Nonnos (Dion. 15, 169–422). *Zyva Antika*, vol. 18, p. 3-32, 1968.

SHORROCK, R. *The Challenge of Epic: Allusive Engagement in the Dionysiaca of Nonnus*. Leiden: Brill Academic Pub, 2001.

STANZEL K. H. “Mimen, Mimepen und Minijamben—Theokrit, Herodas und die Kreuzung der Gattungen”, In: A. HARDER; R. F. REGTUIT; G. C. WAKKER (eds.). *Genre in Hellenistic Poetry*. Groningen: E. Forsten, 1998, p. 143-165.

TEÓCRITO. *Theocritus*. Edited with translation and commentary by A. S. F. Gow. Londres: Cambridge University Press, 1950.

Data de envio: 24-10-2018

Data de aprovação: 24-08-2019

Data de publicação: 05-10-2019